



“Todo o Brasil chora seu glorioso filho”:

a celebridade póstuma de Rui Barbosa produzida e articulada
pela imprensa carioca, nos anos 1920

Mariana Freitas de Andrade*

ANDRADE, M. F. de. “**Todo o Brasil chora seu glorioso filho**”:

a celebridade póstuma de Rui Barbosa produzida e articulada
pela imprensa carioca, nos anos 1920.

História Social, v. 19 n. 27/28, 2024, pp. 384-411.

<https://doi.org/10.53000/hs.v19i27/28.5254>

Resumo: Durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, Rui Barbosa destacava-se como uma figura de notável prestígio social e influência política. Ele atraía multidões e era reconhecido no congresso como uma das vozes mais influentes. Sua fama continuou a crescer ainda mais após sua morte, quando os jornais do país retrataram sua perda como uma grande catástrofe para a nação. Neste estudo, investigaremos como se construiu essa *celebridade póstuma* de Rui Barbosa, em grande parte, produzida e articulada pela imprensa. Para isso, examinaremos os principais periódicos da Capital Federal, buscando analisar de que maneira eles divulgaram a notícia da morte e de que modo influenciaram no processo de celebração de Barbosa.

Palavras-chave: Rui Barbosa. Celebridade Póstuma. Memória. Imprensa.

* Doutorado em andamento em História Social, pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES.



“All of Brazil mourns its glorious son”:

The posthumous celebrity of Rui Barbosa produced and articulated
by the Rio de Janeiro press in the 1920s

Mariana Freitas de Andrade

Abstract: During the last decades of the 19th century and the early 20th century, Rui Barbosa stood out as a figure of remarkable social prestige and political influence. He attracted crowds and was recognized in Congress as one of the most influential voices. His fame continued to grow even more after his death, when newspapers across the country depicted his loss as a great catastrophe for the nation. In this study, we will investigate how Rui Barbosa’s *posthumous celebrity* was constructed, largely produced and articulated by the press. To do this, we will examine the main periodicals of the Federal Capital, seeking to analyze how they reported the news of his death and how they influenced the process of celebrating Barbosa.

Keywords: Rui Barbosa. Posthumous Celebrity. Memory. Press.

A construção do homem célebre: Rui Barbosa e a carreira pública

Antoine Lilti, em sua obra *A invenção da celebridade*, examinou um movimento inédito no século XVIII, o nascimento da cultura da celebridade. Com um estudo voltado para o contexto europeu, Lilti destacou que a celebridade é um traço característico das sociedades modernas – e não das contemporâneas, como costumamos acreditar. Ela é apresentada como uma substituta das crenças religiosas e mitológicas, uma espécie de idolatria moderna semelhante ao culto aos santos e heróis, onde estrelas são divinizadas e heroicizadas, tornando-se objeto de admiração². Embora essas estrelas estejam em todos os lugares, o historiador apresenta uma certa relutância em se interessar por elas³, principalmente como objeto de estudo. Não é o nosso caso.

Produzir figuras célebres pode ser considerado parte da natureza e da dinâmica organizativa da coletividade⁴. É quase como um fenômeno universal, embora as celebridades em si sejam históricas e reflitam o contexto em que emergem⁵. Para Vera França e Paula Simões, esta é a importância de estudá-las, compreender como elas constituem seu tempo e seu momento social. A cultura da celebridade penetra nossas vidas e molda nossos comportamentos, refletindo nossos desejos, preocupações e anseios, atuando diretamente na formação da nossa identidade enquanto sociedade. Quer gostemos ou não, as celebridades exercem influência direta sobre nós.

O homem célebre, por exemplo, é uma figura intrigante. Ele desperta curiosidade, alimenta o espetáculo público e afirma uma certa notoriedade. Para Lilti, ele é uma personalidade singular, capaz de suscitar

² LILTI, Antoine. *A invenção da celebridade (1750-1850)*. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 13.

³ *Idem.*

⁴ SIMÕES, Paula Guimarães; FRANÇA, Vera Regina Veiga. Celebridades, acontecimentos e valores na sociedade contemporânea. *E-Compós*. Vol. 23. 2020. p. 3.

⁵ *Idem.*

admiração e federar em torno de seu nome o assentimento popular. Ao mesmo tempo que serve como um modelo, sinaliza valores e representa diferentes sujeitos. “É como se atores e políticos, escritores e protagonistas de *fait divers* fossem tratados em um mesmo plano, como as vedetes de um espetáculo midiático”⁶. Nesse sentido, nem mesmo a esfera política é poupada dessa agitação cultural.

Quando uma figura política começa a atrair a atenção do público para além de seu trabalho, concentrando-a em aspectos de sua vida privada, ou na forma como mobiliza a mídia e a sua própria imagem, ela se apropria desse universo cultural e aproxima-se da celebridade do entretenimento. Como qualquer outra figura célebre, sua popularidade cresce cada vez que se destaca e ganha espaço nos meios de comunicação, afinal, “tornar-se uma celebridade dá-se muito mais pela forma que se é visto pelos demais do que somente por algum feito individual”⁷.

Cada vez mais o público tem interesse na personalidade do indivíduo para além da figura política, é a ideia de transformar sua vida em entretenimento, cultivando um certo fascínio por sua imagem, que desloca seu fazer político para segundo plano. O reconhecimento e a popularidade não vêm com seus feitos, talentos ou qualidades, mas, como aponta Turner, é “a capacidade de despertar o interesse da sociedade em sua vida privada o que torna possível o fenômeno das celebridades”⁸.

Com as fronteiras estreitas entre o público e o privado, o político celebridade se aproxima cada vez mais de seus admiradores, que passam a projetar nele uma certa identificação e proximidade. Até mesmo aqueles menos antenados no debate público têm seu olhar atraído para a celebridade. Essas pessoas tendem a ver esse personagem como alguém

⁶ *Ibidem.*, p. 16.

⁷ *Apud* VALENTE, Filipe Martins. *Celebridade Política: análise da imagem e do discurso de Pedro Passos Coelho e de José Sócrates nas legislativas de 2011*. Dissertação de Mestrado (Jornalismo). Universidade da Beira Interior, Corvilhã, 2012. p. 45.

⁸ *Apud* KAMRADT, João. *Celebridades políticas e políticos celebridades: uma análise teórica do fenômeno*. BIB, São Paulo, n. 88, 2019, pp. 1-22. p. 5.

familiar, uma versão mais publicitada de si mesmo⁹. Esse processo de identificação faz com que o outro se torne “gente como a gente”. Em uma espécie de imersão em sua vida, o público se vê como um observador perspicaz, que tem acesso ao núcleo íntimo, à subjetividade e à essência dessas figuras¹⁰, transparecida na narrativa e na forma como se apresentam a esse público. Desta forma, a política se transforma em espetáculo, sendo os políticos as estrelas e o público a grande plateia.

Durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, Rui Barbosa destacava-se como uma figura de notável prestígio social e influência política. Sua carreira era uma demonstração constante de publicidade e popularidade. Ele atraía multidões e era reconhecido no congresso como uma das vozes mais influentes e respeitadas. Nas páginas dos jornais, buscavam seus escritos e corriam notícias com seu nome, foi, inclusive, o homem público mais caricaturado durante toda a República. Em suas campanhas políticas, era aclamado e imortalizado ainda em vida. Aos olhos do público, ele era claramente o político mais célebre de seu tempo.

Rui Barbosa nasceu na cidade de Salvador, no dia 5 de novembro de 1849. Ainda jovem, cursou Direito em 1866, e foi durante a faculdade que iniciou, de fato, sua vida pública. Com a fama de excelente estudante e orador, foi escolhido para pronunciar um discurso de saudação em uma das manifestações estudantis ao mestre José Bonifácio, o Moço, importante político, abolicionista e intelectual brasileiro do século XIX, cuja homenagem feita pelos estudantes reconhecia sua influência e contribuições para a educação e a política do Brasil na época. Formado, iniciou sua carreira na imprensa, começando suas grandes campanhas jornalísticas. Pouco tempo depois, por influência do pai, filiou-se ao Partido Liberal Baiano e decidiu seguir o caminho da política. Em 1878, foi eleito deputado da Assembleia Legislativa Provincial da Bahia e, em

⁹ VALENTE, Filipe Martins. *Celebridade Política: análise da imagem e do discurso de Pedro Passos Coelho e de José Sócrates nas legislativas de 2011*. op. cit. p. 40.

¹⁰ DUARTE, F., RIPPER, B., DAMASCENO, C., RAYMUNDO, J., CARVALHO, L., & LEAL, T. Celebrização da Política: A Cultura da Celebridade Americana e seus Jogos de Poder no Cenário Contemporâneo. In: *XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo, 2016. p. 5.

1879, deputado da Assembleia Legislativa da Corte. Sua presença na Câmara foi logo notada. Com discursos longos e calorosos, conquistou a fama de grande parlamentar. Em uma sociedade constituída de muitos iletrados, foram os discursos e o poder de grande orador de Barbosa que lhe permitiram um contato mais direto com o povo.

Ao longo do período republicano, a figura de Rui Barbosa recebeu progressivamente mais destaque. João Felipe Gonçalves diz que “seria muito exagero afirmar que quase todo o trabalho de organização da República coube a ele, como pretendem alguns entusiastas, mas não se pode negar que sua ação foi bastante importante para a institucionalização que então se deu”¹¹. Assim que o regime foi instaurado e o Governo Provisório assumiu o poder, seu nome já figurava como representante de duas pastas, a da Fazenda e a da Justiça. Além de ter participado da elaboração da Constituição de 1891. Neste período, Barbosa também ocupou a cadeira no Senado, pela Bahia, e permaneceu senador até o ano de sua morte. Integrou a Segunda Conferência da Paz, realizada em Haia em 1907 – representando o Brasil na qualidade de embaixador extraordinário – e candidatou-se à presidência da República, liderando uma campanha civilista marcada pelo contato direto com o povo.

Naquele momento, Rui Barbosa era um nome familiar a quase todos os brasileiros. O homem público despertava a curiosidade e o interesse pelos seus feitos, e também por sua intimidade, seus gostos, sua vida particular. O que será que lê o grande nome da República? O que será que gosta de fazer quando não está discursando ou escrevendo? Como se comporta quando é um simples indivíduo como qualquer outro? Sua celebridade foi se fortalecendo e popularizando não só por sua carreira pública, mas também pela curiosidade fascinante gerada por sua personalidade e sua vida privada. Havia o que Leonor Arfuch chama de “superposição do privado sobre o público, do *gossip* à política”¹². Ou, como sinaliza Lilti, Rui

¹¹ GONÇALVES, João Felipe. *Rui Barbosa: pondo as ideias no lugar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. p. 61.

¹² ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico – dilemas da subjetividade contemporânea*. trad. Paloma Vidal, Rio de Janeiro: EQUERI, 2010.

Barbosa era uma vedete, tanto quanto uma figura política¹³. A publicização de sua carreira e de sua privacidade o fazia corresponder perfeitamente à imagética do homem célebre, aquele que responde à curiosidade do público não só por seu trabalho, mas pelos aspectos privados de sua vida cotidiana¹⁴.

Rui Barbosa emerge como uma figura notável. Um personagem capaz de atrair a atenção de todos os seus contemporâneos. Afinal, tudo que envolvia seu nome tinha um quê de mistificação e idolatria, e uma forte rejeição que, como afirma Lustosa, as grandes paixões provocam¹⁵. Os diversos elementos que marcaram sua trajetória pública colaboraram para sua celebração em diversos momentos. Tendência que se intensificou após sua morte, quando sua figura se tornou objeto de comoção nacional, especialmente na Capital Federal.

A construção da celebridade póstuma: Rui Barbosa, seus imponentes funerais e a imprensa carioca

Na manhã de 1º de março de 1923, os jornais de todo o país noticiaram a morte de Rui Barbosa. Segundo João Felipe Gonçalves¹⁶, as manchetes estampavam frases como: “Apagou-se o sol!”; “A morte do maior gênio da raça”; “A grande catástrofe”; “O eclipse de um gênio”. Rui Barbosa morreu em sua casa de veraneio em Petrópolis, região serrana do Rio de Janeiro, às 20h e 35 minutos, de paralisia bulbar. Seu corpo permaneceu no local até o dia 02 de março e, durante esse período, sua morte tornara-se algo de interesse público.

A família do político recebeu a visita de alguns amigos íntimos e também de jornalistas. Uma movimentação intensa tomou a rua da

¹³ LILTI, Antoine. *A invenção da celebridade (1750-1850)*. Op. Cit. p. 300.

¹⁴ *Ibidem.*, p. 10.

¹⁵ LUSTOSA, Isabel [et. al]. *Estudos Históricos sobre Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2000. p. 73.

¹⁶ GONÇALVES, João Felipe. Enterrando Rui Barbosa: um estudo de caso da construção fúnebre de heróis nacionais na Primeira República. *Estudos Históricos*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, p. 135- 161, 2000. p. 141.

residência, com populares buscando mais informações sobre o ocorrido; em todos os lugares públicos era só o que se falava: a morte do grande brasileiro; o grande acontecimento do momento. Era como se um misto de curiosidade e preocupação invadissem a população carioca, e transformasse algo de ordem privada (uma doença seguida de morte), em objeto de espetáculo¹⁷. Reafirmando, mais uma vez, a celebridade de Barbosa.

Um dos primeiros jornais cariocas a comentar sobre o ocorrido foi *O Jornal*, dirigido por Renato Lopes, que, em uma nota da edição de nº 1.269, do dia 02/03/1923, dizia:

A morte de Ruy Barbosa representa, incontestavelmente, um lutuoso acontecimento nacional (...). É impossível abstrair a gigantesca personalidade de Ruy Barbosa (...), [ele que] representou, por si só, a feição mais altamente intelectual da nossa evolução política. (...) Extinta a voz desse homem que, até agora, mais que outra qualquer, encarnou as nossas aspirações de justiça e de paz, só nos resta a esperança de que a sua obra, que aqui fica, formidável e incomparável, no seio da civilização brasileira, continue a iluminá-la no seu conjunto (...).¹⁸

Já o jornal *O Imparcial*, deste mesmo dia, além de dar a notícia da morte, tomou algumas de suas páginas para explorar partes da biografia de Rui Barbosa, como, por exemplo, onde nasceu, como foi sua criação, seus anos na faculdade de direito e como construiu sua carreira política. O jornal também lembrou suas principais obras como “Cartas da Inglaterra” e “A queda do Império”. Por fim, dedicou uma página completa para detalhar a enfermidade do político, como se deu sua morte “inesperada”, as homenagens que o governo federal iria prestar ao falecido, e os seus últimos momentos em vida. Nas primeiras linhas, não mediu esforços para afirmar o quanto o fato seria uma grande perda para a cultura do país.

¹⁷ LILTI, Antoine. *A invenção da celebridade (1750-1850)*. Op. Cit. p. 294.

¹⁸ *O Jornal*, 02/03/1923.

A morte de Ruy Barbosa abre para a cultura brasileira um clarão que ficará sabe Deus por quanto tempo, impreenchido. Porque foi como afirmação de cultura, como expoente da civilização que um povo é capaz de realizar que o morto de ontem fez o prestígio de sua individualidade tanto no país como no estrangeiro. Tendo uma vida política intensamente militante, Ruy Barbosa, como todos os nossos homens públicos, foi glorificado por uns, combatido por outros. Mas, no que concerne a sua formidável celebração, a unanimidade sempre foi absoluta. Qual o verbo mais rutilante que o seu? Qual o escritor do seu tempo em Portugal e no Brasil que, mesmo versando os assuntos mais áridos, deu à língua portuguesa maiores requintes de pureza, de esplendor, de encantamento supremo?¹⁹

Também no dia 2 de março, o jornal *A Noite* foi um dos periódicos cariocas que mais explorou o ocorrido naquele dia. Além de noticiar a morte, tratou de falar minuciosamente sobre cada uma das empreitadas de Barbosa: a de escritor, jornalista, jurista e político. Detalhou sua vida com fotos, explicou como seria o trajeto fúnebre de seu corpo e a missa de corpo presente, comentou sobre o avolumado de telegramas e cartas de pesar que a família estava recebendo, informou a hora que o corpo chegaria ao Rio de Janeiro e, com um certo teor sensacionalista e dramático, estampou uma das páginas com a imagem de um papel com a letra de Rui Barbosa, com o seguinte título: “essas são as últimas palavras escritas pelo notável brasileiro”. Assim como os outros periódicos do dia, iniciou o texto incorporando a perda de uma grandeza do Brasil.

O Brasil só tem agora uma grandeza: a de seu território, a de seus mares e céus. A outra, que era a maior, porque símbolo do nosso orgulho e glória da nossa raça perdeu-se. Ficam as montanhas, as estrelas e as águas, mas desaparece a maravilha de mais enlevo nesse ambiente de magnitude e esplendor. Tornamo-nos, assim, morto Ruy Barbosa. (...) Agora, como não mais se vê a imagem portentosa, nem resplandece mais aquele espírito, se afigura que tudo está mergulhado em trevas (...).²⁰

¹⁹ *O Imparcial*, 02/03/1923.

²⁰ *A Noite*, 02/03/1923.

Por fim, neste segundo dia que sucedeu a morte do político, o jornal *A Rua* também demonstrou profundo pesar em suas páginas. A começar por sua manchete principal, que estampava a frase: “Extinguiu-se a maior luz mental do Brasil! Morreu ontem o maior dos brasileiros, o homem que tão grande relevo teve no cenário nacional. Sobre o seu féretro debruçasse compungidamente todo o Brasil”²¹; e seguiu descrevendo o “atropelo das emoções desencadeadas pela sua morte”²². Seguiu a mesma linha de reportagens que *A Noite*, falando sobre a vida e a carreira pública de Rui Barbosa, no entanto, ressaltou também a vida privada, o “Rui Barbosa jardineiro”, que amava as rosas, e como teria passado sua última manhã de vida.

Aqueles que acompanhavam as notícias não eram somente os familiares e amigos de Rui Barbosa, mas toda uma nação que estava preparada para participar dos últimos momentos de vida de um homem tão ativo e ilustre para o país, como retratavam os jornais. A população que consumia esse tipo de suporte, ou que tinha contato com aqueles que consumiam, vivenciaram intensamente essa “tragédia” em forma de um verdadeiro folhetim midiático²³. As publicações eram tão ricas de detalhes, que expunham, inclusive, uma cronologia de acontecimentos que antecederam o falecimento. O jornal *Gazeta de Notícias*, em sua edição de nº 52, de 03/03/1923, narrou como foi a visita de um de seus representantes à casa de Rui Barbosa, em Petrópolis, no dia de sua morte:

Partimos pelo comboio das 5:50 da tarde, esperançados em que teriam confirmação os boatos que davam como não grave a enfermidade do senador baiano. (...) O velho é duro, não há dúvida. Ainda não irá desta vez.

(...)

Quando nosso tilbury parou em frente ao palacete do conselheiro, nenhum outro carro lá estacionava. O portão estava aberto. O edifício apresentava a iluminação do costume,

²¹ *A Rua*, 02/02/1923.

²² *Idem*.

²³ LILTI, Antoine. *A invenção da celebridade (1750-1850)*. Op. Cit. p. 294.

estando mergulhado num silêncio que não denunciava a mínima anormalidade.

Penetramos o jardim. Não se ouvia um ruído, não se via ninguém. Chegando ao alpendre, apertamos o botão da campainha. Imediatamente abre-se uma porta lateral, que dava para a sala de jantar, onde a mesa estava posta, mas de onde surgia apenas um homem claro, vestido de preto, que nos pareceu o copeiro, porque conduzia ao braço um guardanapo. Aproximando-nos demos-lhe o nosso cartão para o Dr. Alfredo Ruy.

__ O Dr. não pode receber __ disse-nos o homem de fisionomia carregada!

__ Não pode...

__ Sim, o velho está morrendo! __ e desatou em pranto aos soluços.

Compreendemos. Compreendemos a angústia daquele momento naquele lar venerando. Onde tanto sorrira a felicidade.²⁴

Como podemos observar, até mesmo o estado emocional do filho do político foi exposto. A imprensa não hesitava em explorar a curiosidade do público pela vida íntima do homem célebre, e divulgava informações que pareciam ser, em outro contexto, uma indiscrição. Por exemplo, quando descreveu exatamente o que vivenciou o representante da *Gazeta de Notícias* no momento da morte de Rui Barbosa:

Em cima, deparou-se-nos o quadro pungente, que nos fez estacar: Ruy Barbosa morria.

Morria estendido no seu leito branco, entre as lágrimas e os soluços dos seus. Uma cena de cortar coração.

Ao lado dele, os seus médicos assistentes, num profundo abatimento de pé, de braços cruzados, transidos de emoção. Em frente, um religioso, alto, simpático, com a fisionomia serena, mas dolorida. Tendo um crucifixo nas mãos. Outro crucifixo pousava no peito do moribundo (...).

A cena nos impressionou e nos pungiu. Ficamos ali uns cinco minutos, que foram quantos levou a águia de Haya para exalar o derradeiro suspiro.

²⁴ *Gazeta de Notícias*, 03/03/1923.

Além dos médicos e dos sacerdotes, era o representante da Gazeta, a única pessoa estranha à família que se achava presente. Finara-se Ruy Barbosa, às 8:25. Dez minutos após esta redação recebia, pelo telefone, a contristadora notícia.²⁵

Ou quando o mesmo jornal explicou, com o auxílio do médico do político, como era o seu quadro de saúde.

O conselheiro __ disse-nos o Dr. Lemos __ era um organismo abalado, não apenas pela idade, mas pelas consequências de males antigos. Não poucas crises de saúde tivera ele. Foram das últimas um edema pulmonar e um edema cerebral. Este, que fora o ano passado, quase o leva de vez. (...) Consegiu resistir. Mas, sofrendo de esclerose, de uma nefrite crônica, devia, para viver, submeter-se a um regime muito severo. A este regime, porém, pela própria natureza dos seus incômodos, ele não se sujeitava: era um rebelde.²⁶

As publicações seguiram neste mesmo teor em outros jornais cariocas, como o *Jornal do Brasil*, que, em sua edição de nº 53, de 03/03/1923, detalhou as horas que o corpo de Rui Barbosa permaneceu em sua casa, e até mesmo como era e quanto pesava o seu caixão.

O cadáver do conselheiro ficou desde a noite de anteontem até pelas 10 horas da manhã de ontem, no aposento [onde faleceu] e no seu próprio leito.

O senador Ruy Barbosa trajava casaca preta e gravata desta mesma cor.

A cama em que repousavam os seus restos mortais achava-se ladeada por inúmeros círios.

(...)

A cabeceira do leito estava ainda uma grande cruz de prata, de uns 80 centímetros de altura, mais ou menos.

(...)

²⁵ *Gazeta de Notícias*, 03/03/1923.

²⁶ *Idem*.

Pouco depois chegava o caixão funerário, fabricado mesmo em Petrópolis.

O caixão era de madeira e pesava 135 kilos. Estava forrado de finíssimo damasco e ricamente ornamentado.²⁷

Outros jornais chegaram a publicar uma entrevista com o mordomo de Barbosa, questionando-o sobre qual teria sido a última refeição do patrão. Era incessante a vontade de saber de tudo. E toda essa invasão de privacidade, em um momento tão delicado quanto a morte, se justificava pelo caráter público do político, cuja vida se tornou aberta à opinião pública, e a própria morte não poderia ser, então, um acontecimento privado. Assim, os últimos instantes do homem célebre, como a intimidade de seu último suspiro, foram oferecidos aos seus “espectadores”. Tudo o que concernia a Barbosa tornara-se público, tudo fora teatralizado²⁸.

__ Que foi a última refeição que serviu ao conselheiro?

__ Uma colherzinha de café, às 14 horas do dia em que morreu. Entrara no quarto do enfermo, já sem fala, com uma xícara de café para o Dr. Osmar Campello, e notando no olhar do patrão alguma coisa que julgou uma vontade de provar o saboroso pedido, não se conteve, pediu licença ao médico, e chegou-lhe aos lábios a colher cheia, que ele ingeriu.²⁹

O jornal *O Paiz*, de edição nº 14.013, de 03/03/1923, deixou claro o importante papel da imprensa carioca naquele momento tão delicado para a família Rui Barbosa. Em uma nota intitulada “os redatores dos jornais cariocas junto ao leito mortuário”, noticiou que representantes dos jornais acompanharam tudo de perto, no próprio quarto do falecido.

Pouco depois das 3 horas, os representantes dos jornais foram introduzidos no quarto em que falecera e onde ainda se encontrava Ruy Barbosa, situado ao lado esquerdo do pavilhão superior da habitação.

²⁷ *Jornal do Brasil*, 03/03/1923.

²⁸ LILTI, Antoine. *A invenção da celebridade (1750-1850)*. Op. Cit. p. 294.

²⁹ *O Paiz*, 03/03/1923.

Impressionava profundamente o aspecto do apartamento, onde uma certa desarrumação indicava bem os lancinantes momentos de angústia que ali tinham vivido os membros da família do grande morto.³⁰

Em mais um trecho da reportagem, é dito que “foram os representantes da imprensa que pegaram nas alças do ataúde [em que estava Rui Barbosa], na ocasião de colocá-lo no carro mortuário”³¹.

O corpo de Rui Barbosa foi transportado em um trem que saiu de Petrópolis em direção à Praia Formosa, no Rio de Janeiro. O que mais chamou a atenção durante o percurso, foi a atitude dos habitantes das margens da linha férrea, durante a passagem da composição:

Velhos caboclos descobriam-se, olhos fitos, plantados à porta das cabanas ou erguidos dentre as plantações. As mulheres corriam a aglomerar-se às janelas. As crianças batiam palmas ou soltavam gritos, manifestando com a candura natural dos tenros anos os seus sentimentos. Quando o trem atravessou os subúrbios densos da Leopoldina e, depois da Mangueira, passou a correr nos da Central, viam-se famílias inteiras alinhadas às janelas, em respeitosa atitude.

(...)

Uma enorme, uma imensa multidão que se acotovelava na Praia Formosa, esperava, ansiosa, o corpo do brasileiro excelso. [...] O povo aglomerava-se, apertado, comprimido, na ânsia de ver o corpo do maior, do mais brilhante escritor e jurista brasileiro. [...] A emoção dominava a todos.³²

Quando o corpo chegou ao Rio de Janeiro, grandiosos funerais, com honras de chefe de Estado³³, foram organizados para Rui Barbosa. A Biblioteca Nacional foi o local escolhido para o velório, o que era

³⁰ *Idem.*

³¹ *Idem.*

³² *Idem.*

³³ GONÇALVES, João Felipe. Enterrando Rui Barbosa: um estudo de caso da construção fúnebre de heróis nacionais na Primeira República. *Op. Cit.*

completamente simbólico, e combinava bastante com toda a trajetória intelectual do falecido. O traslado do corpo até lá se deu em um grande cortejo ao som de bandas militares tocando marchas fúnebres e com participação popular por todo o percurso. Os jornais cariocas detalharam mais esse episódio.

No jornal *A Rua*, o itinerário do percurso foi exposto para os leitores: “O itinerário do préstito fúnebre, salvo qualquer modificação, será, hoje, o seguinte: Mangue, rua Marechal Floriano e Avenida Rio Branco, até a Biblioteca Nacional”³⁴. Já o jornal *O Paiz*, descreveu como ocorreu todo o percurso:

Nas longas alamedas de palmeiras da avenida do Mangue, parou o cortejo fúnebre do maior dos brasileiros. Na ocasião do desfilar entre a massa popular, que ladeava o lado sul do grande “trottoir”, não se sentia o menor rumor por parte da assistência, que religiosamente prestava as últimas homenagens a Ruy Barbosa.

Nem o menor golpe de vento fazia tremer as folhas multiformes do palmeiral imenso, que, como um pátio, cobria o carro fúnebre do caixão mortuário.

(...)

O carro fúnebre deu entrada na praça da República às 18 horas, justamente quando o momento de operários que demandavam os trens suburbanos era enorme.

A grande onda que todas as tardes procura a E. F. C. do Brasil, parou, quase que instantaneamente, para saudar a passagem do corpo do grande morto.

(...)

O “recorde” da assistência coube à rua Marechal Floriano. [...] Quase todas as janelas estavam embandeiradas em funeral.³⁵

Conseguimos ilustrar o momento descrito pelas imagens abaixo, que nos ajudam a compreender toda a grandiosidade, a pompa e a atenção que esse evento recebeu. Os trajes finos, a presença de um grande número

³⁴ *A Rua*, 02/03/1923.

³⁵ *O Paiz*, 03/03/1923.

de pessoas, as bandeiras e manifestações de carinho por Rui Barbosa, tudo simbolizava o drama da perda de um indivíduo exemplar. Seu velório aparentava ser o último ato do espetáculo público que fora sua vida³⁶.

Figura 1: Cortejo fúnebre de Rui Barbosa.



Fonte: Arquivo Fundação Casa de Rui Barbosa.

Figura 2: Cortejo fúnebre de Rui Barbosa.



Fonte: Arquivo Fundação Casa de Rui Barbosa.

³⁶ LILTI, Antoine. *A invenção da celebridade (1750-1850)*. Op. Cit. p. 297.

Figura 3: Cortejo fúnebre de Rui Barbosa.



Fonte: Arquivo Fundação Casa de Rui Barbosa.

O evento foi de tal magnitude que uma nota do jornal *O Paiz* divulgou o trabalho incessante e a necessidade de aumento de pessoal que as casas de flores da capital enfrentaram, para dar vazão às encomendas de coroas, de palmas, rosas e etc. “A casa Flora, por exemplo, recebeu a última hora tantas encomendas de grande coroas, não só dos Estados como das representações estrangeiras entre nós, que teve de trabalhar toda a noite, não só a casa matriz, como as filiais”³⁷.

Já na Biblioteca Nacional, ministros da Justiça e Marinha, membros do Supremo Tribunal, altas patentes do Exército, o corpo diplomático nacional e internacional, congregações escolares, associações e clubes literários, famílias da alta sociedade carioca, todos estavam presentes para a grande despedida. O presidente Arthur Bernardes também fez uma visita oficial, acompanhado do prefeito da capital e mais algumas autoridades.

Às 21 horas, precisamente, o doutor Arthur Bernardes, presidente da República, acompanhado dos senhores ministros de Estado, dos chefes e membros de suas casas civil e militar, do

³⁷ *O Paiz*, 03/03/1923.

Sr. prefeito e do marechal chefe de polícia, visitou a câmara ardente. S. Ex. foi recebido pelos doutores Alfredo e João Ruy Barbosa e seus cunhados Drs. Baptista Pereira e Ayrosa. A todos S. Ex. apresentou sentidas condolências, tendo para cada um palavras de conforto. Depois, o doutor Arthur Bernardes subiu para junto da eça, fixando durante alguns minutos o semblante do grande morto.³⁸

Populares também foram autorizados a entrar no local, “o povo que não faltava aos seus discursos”³⁹, como aponta Jacobina Lacombe. Faziam questão de assinalar seus nomes na lista de presentes, e, até mesmo durante toda a noite, em uma movimentação intensa, deixavam suas homenagens ao político⁴⁰. Nas páginas de *O Paiz*, a representação em palavras do que todos os presentes sentiram ao ver o corpo de Rui Barbosa: “Todo o Brasil chora seu glorioso filho (...) o pensamento dos que olham recolhe-se cheio de respeito diante da imobilidade daquela individualidade extraordinária”⁴¹.

No dia 04 de março, mais um traslado foi realizado, desta vez da Biblioteca Nacional até o Cemitério São João Batista, onde seria realizado o enterro. Novamente, um cortejo com a presença de populares e de autoridades tomava as ruas da capital. No cemitério, a mesma multidão dos dias anteriores já aguardava a chegada do corpo de Rui Barbosa. Tudo já havia sido preparado, no dia anterior, pelos jornais. «Será amanhã, às 3 horas da tarde, a translação do corpo do eminente brasileiro da Biblioteca Nacional para a capela do cemitério de São João Batista»⁴², informava *A Noite*, em sua edição de nº 4042, de 03/03/1923. No dia seguinte, o mesmo jornal deu detalhes sobre como tudo se sucedeu:

³⁸ *Idem*.

³⁹ LACOMBE, Américo Jacobina. *À sombra de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984. p. 65.

⁴⁰ *O Paiz*, 03/03/1923.

⁴¹ *Idem*.

⁴² *A Noite*, 03/03/1923.

Na capela do cemitério de São João Batista, desde às 7 horas da noite de ontem, rodeado de flores e envolto da bandeira nacional, acha-se o esquife do conselheiro Ruy Barbosa. Transportavam-no para ali, entre alas de marinheiros e soldados em continência, e o olhar contínuo das ondas populares, que se estendiam da Biblioteca Nacional até o portão da necrópole. Representantes de nossa mocidade acadêmica, jovens da Reserva Naval, alguns modestos filhos do povo e muitas pessoas gradas, deputados, senadores, ministros.

A translação foi demorada, correndo três horas e meia sobre o longo trajeto, de imponente tristeza. De quando em quando, salvas do mar e da terra mais concentravam os espíritos na significação dolorosa daquela perda que a pátria vinha de sofrer. [...] O aspecto era sempre o mesmo na sua indizível tristeza, agravada pelas sombras da noite, que já em Botafogo começava a envolver o cortejo, diluindo os crepes que aqui e ali envolviam o globo das lâmpadas.

(...)

Os curiosos estacionavam do lado de fora, aguardando oportunidade de poderem ver o corpo, mas logo as portas da capela se fecharam, retirando-se o povo da cidade dos mortos, onde reinavam já densas trevas, bem harmoniosas com o aspecto fúnebre do lugar.

(...)

Era nesta cidade, cérebro e coração da pátria, que deverias repousar, porque aqui, como se a natureza tivesse previsto as linhas colossais da tua estatura, lavoro em traços de montanha esse “gigante que dorme”, de ora avante a estátua que a Ruy Barbosa levanta, orgulhosa e agradecida, a pátria brasileira.⁴³

Douglas Attila Marcelino, em sua obra *O corpo da Nova República*, aponta que durante toda a Primeira República, faustosos funerais cívicos foram realizados. Homens das letras e políticos foram consagrados no momento de suas mortes. Os funerais e toda a sua opulência, marcavam uma tentativa de glorificação do personagem que ali se despedia, havia uma intensa mobilização para tornar célebre aquele sujeito e construir uma

⁴³ *A Noite*, 05/03/1923.

galeria de vultos nacionais da República, marcando assim profundamente a imaginação popular⁴⁴.

As mortes dessas personalidades eram descritas como grandes catástrofes, e necrológios míticos eram verbalizados e difundidos. As características recorrentes desses elogios eram a de demonstrar a perda de um “exemplo brilhante”. Havia uma intensa construção de singularidade com relação ao falecido, uma vez que os rituais se concentravam em sua celebração. Era indiscutivelmente sabido que aquela se tratava de uma vida singular, o que se observava era a unanimidade em torno dessas figuras. Nesse sentido, a celebridade póstuma era o que se era dado a ver. O que dominava era o vocabulário da curiosidade, da euforia e do espetáculo⁴⁵.

No caso de Rui Barbosa, a imprensa tomou a frente. Ao longo de todo o mês em que ocorreu o seu falecimento, as manchetes afirmavam: “Apagou-se o sol!”⁴⁶; “A morte do eminente brasileiro”⁴⁷; “Será sepultado amanhã nesta capital o maior dos brasileiros”⁴⁸; “Expirou o maior gênio da nacionalidade”⁴⁹; “O mundo perdeu com a morte de Ruy Barbosa um dos cérebros mais poderosos, mais fortes, mais portentosos”⁵⁰.

Os dias que se seguiram foram marcados por grandes homenagens prestadas ao falecido. Em São Paulo e em Salvador, grandes cortejos cívicos foram realizados contando com a participação de autoridades, estabelecimentos de ensino e camadas populares. Homenagens fúnebres se realizaram Brasil afora. “Inúmeras sessões cívicas, missas solenes, inaugurações de retratos, de ruas com o nome de Rui eram noticiadas seguidamente pelos jornais”⁵¹. Estes, de acordo com as análises de João

⁴⁴ MARCELINO, Douglas Attila. *O corpo da Nova República: funerais presidenciais, representação histórica e imaginário político*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015. p. 48.

⁴⁵ LILTI, Antoine. *A invenção da celebridade (1750-1850)*. *Op. Cit.* p. 296.

⁴⁶ *Gazeta de Notícias*, 03/03/1923.

⁴⁷ *Jornal do Commercio*, 04/03/1923.

⁴⁸ *Jornal do Brasil*, 03/03/1923.

⁴⁹ *O Social*, 04/04/1923.

⁵⁰ *Arealense*, 17/03/1923.

⁵¹ GONÇALVES, João Felipe. Enterrando Rui Barbosa: um estudo de caso da construção fúnebre de heróis nacionais na Primeira República. *Op. Cit.* p. 140.

Felipe Gonçalves, seguiam estampando manchetes saudosas e dramáticas sobre a perda do grande homem. Poucos dias depois do funeral, um curta-metragem intitulado “*Os Funeraes de Ruy Barbosa*”, que narrava reminiscências de sua vida e de seus funerais, estava em cartaz em alguns cinemas, tendo destaque como um “grandioso sucesso”, nas palavras da manchete do jornal *Correio da Manhã*⁵². “Ruy Barbosa: coletânea literária” também era destaque nos jornais como o livro do momento. E as notícias sobre novos monumentos sendo inaugurados para o político também não paravam de circular.

Também sucederam-se homenagens à Barbosa no exterior, como uma sessão especial no Institut de France com a presença do presidente da França; uma rua com seu nome no centro de Montevideú; discursos na abertura da sessão da Corte Permanente de Justiça de Haia; um editorial no *New York Times*; e cinco minutos de silêncio solene nas escolas públicas da Polônia.

Em todas essas empreitadas, Rui Barbosa era representado como um grande herói brasileiro, uma figura excepcional, um indivíduo extraordinário. Suas inimizades políticas e as polêmicas nas quais esteve envolvido durante toda a vida, por um breve momento, foram esquecidas, e o político, antes explosivo, de personalidade forte e difícil de lidar, era agora um homem falível, grande por sua celebridade ao mesmo tempo que semelhante ao mais comum dos mortais por suas fraquezas⁵³. Era tido por humano; lembrado como um homem afetoso, de caráter excepcional; um estudioso que lera todos os dicionários de português existentes, tão forte e dedicado, capaz de trabalhar, mesmo doente e com febre alta; simpático e atencioso sempre que assediado nas calçadas por populares.

Regina Abreu afirma que lembrar do morto é também falar dele⁵⁴, e isso inclui reviver seus feitos, suas obras e tudo o que comporta sua experiência de vida. No entanto, esse exercício muitas vezes ressalta

⁵² *Correio da Manhã*, 09/03/1923.

⁵³ LILTI, Antoine. *A invenção da celebridade (1750-1850)*. *Op. Cit.*

⁵⁴ ABREU, Regina. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994. p. 210.

alguns aspectos e apaga outros, algo comum na construção de memórias. Isso pode ser denominado, segundo Elizabeth Rondelli e Michael Herschmann, como um enquadramento da memória do morto, um processo de inserção de sua trajetória de vida particular na memória da coletividade. Nesse sentido, a espetacularização de sua morte passa a editar e reeditar sua trajetória de vida, tornando-a objeto de usufruto e exemplo para aqueles que permanecem vivos.

Assim, a morte promoveria o “renascimento”, isto é, constituir-se-ia no momento de (re)construção do sujeito que deixaria o seu corpo biológico para reviver como corpo representado. Deste modo, é especialmente a partir de sua morte que a vida começa a ganhar sentido e o sujeito passa, então, a habitar a memória, o imaginário social.⁵⁵

A morte de Rui Barbosa, ao receber total cobertura e atenção da imprensa, ressignificou, dramatizou e espetacularizou sua memória, tornando-a posta ao consumo de milhares de espectadores⁵⁶. Essa ampla exposição midiática contribuiu para moldar a percepção pública sobre sua figura e seu legado. O destaque dado pelos jornais cariocas não apenas eternizou sua imagem na memória coletiva, mas também moldou a forma como ele seria lembrado e interpretado ao longo do tempo.

Depois de sua morte, sua celebridade passou a ser encarada com uma mistura de curiosidade e empatia, por um público atento e sensível. O efeito de toda a mobilização midiática foi imediato. Em 1924, um ano após os seus faustosos funerais, o Governo Federal decidiu comprar a casa onde viveu Rui Barbosa, e anunciou seus projetos para transformá-la em um museu. O ato foi como uma resposta à urgência do grande público em saber qual seria o seu destino a partir de então. Naquele momento, Rui Barbosa se tornou uma figura imortalizada e consagrada,

⁵⁵ RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico. o sensacionalismo da morte em cena. *Tempo social*, v. 12, p. 201-218, 2000.

⁵⁶ *Idem*.

uma personalidade de destaque da nação, e os resíduos materiais de sua vida seriam agora transformados em algo a ser cultuado.

Considerações finais e apontamentos sobre o papel social da imprensa

Como afirma Rodrigo de Oliveira, a intensa busca por informações inerentes à coletividade, pela narração de acontecimentos, junto ao conseqüente crescimento da curiosidade pública e científica nas sociedades modernas, criaram um terreno propício para a ascensão e evolução da imprensa⁵⁷. Tais fatores conduziram os jornais a se tornarem um hábito difundido entre uma parcela considerável da população, tornando-se um meio de divulgação muito popular, que facilitava o conhecimento de questões ligadas à economia, política e ao corpo social como um todo.

Nesse sentido, a imprensa jornalística se tornou uma importante estrategista na construção de consensos, propaganda política, novas sensibilidades, maneiras e costumes; “um dispositivo privilegiado para forjar o sujeito/cidadão”⁵⁸. Como um suporte de interpretar a realidade, informando fatos e acontecimentos, ela passou a provocar a reação de seu público leitor sobre ideias, normas, posições e, principalmente, embates políticos, se tornando um grande fenômeno da modernidade. Além de testemunhar e protagonizar papéis significativos em momentos cruciais da história do Brasil.

Muitos acontecimentos ganharam dimensões públicas por meio das páginas de jornais que circulavam na capital federal da República brasileira, segundo Márcia da Silva e Gilmar Franco, enquanto um instrumento de visibilidade dos fatos, a imprensa pretendeu consolidar justamente

⁵⁷ DE OLIVEIRA, Rodrigo Santos. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930). *História*, [S. L.], v. 2, n. 3, p. 125-142, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2614>. Acesso em: 24 maio. 2024.

⁵⁸ *Idem*.

“a imagem do jornalismo como formador da realidade e da atualidade”⁵⁹, como um difusor de visões de mundo e representações da sociedade⁶⁰. Percebemos isso quando observamos como os periódicos trataram da morte de Rui Barbosa, tanto pela maneira como divulgaram a notícia, quanto pelo modo que influenciaram em um processo de celebração *post-mortem*, com suas publicações. Era como se, em um só tempo, a imprensa fosse parte do suporte da celebridade e, também, a autoria por trás dela.

Um dos principais mecanismos que elevam uma pessoa comum ao posto de celebridade, sendo capaz de refletir a opinião pública e permitir esse contato direto entre o homem célebre e seus admiradores curiosos, é a imprensa⁶¹. Segundo Lilti, a celebridade, ao se alimentar de narrativas, discursos e textos, tem na imprensa a sua grande aliada⁶². Ronaldo Helal acredita que os meios de comunicação são importantes mediadores de formas de pensar, agir e se relacionar⁶³, sendo a “mídia”, uma fábrica de ídolos e mitos, afinal, de uma forma ou de outra, os grupos humanos, em geral, fabricam seus próprios heróis, e o mundo moderno é permeado por eles⁶⁴.

Rui Barbosa, enquanto um homem célebre que teve sua celebridade fortalecida após a sua morte, teve por meio da imprensa a “espetacularização” de sua trajetória, até mesmo quando ela teve um fim. A construção de sua celebridade foi minuciosamente produzida por uma “edição midiaticizada de fatos e acontecimentos”⁶⁵ estampados nos principais periódicos de seu tempo. A imprensa foi a responsável por criar

⁵⁹ *Apud* DA SILVA, Márcia Pereira; FRANCO, Gilmara Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, v. 4, n. 8, 2010. p. 4.

⁶⁰ BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*. Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

⁶¹ LILTI, Antoine. *A invenção da celebridade (1750-1850)*. *Op. Cit.*

⁶² *Ibidem.*, p. 88.

⁶³ HELAL, Ronaldo. Cultura e idolatria: ilusão, consumo e fantasia. *Cultura e imaginário*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

⁶⁴ *Idem.*

⁶⁵ *Idem.*

e privilegiar narrativas, ou o que Helal chama de mediatizar a proeza e editar a biografia. Sua morte comoveu, mobilizou e aproximou as pessoas de sua figura; sua trajetória, ao ser constantemente lembrada, passou a receber cada vez mais relevância e a ocupar a pauta pública do momento. Ele era, inegavelmente, um homem célebre e sua vida era de interesse comum.

Ao longo deste estudo, exploramos o fenômeno da construção da celebridade póstuma de Rui Barbosa, cujo prestígio foi amplamente divulgado e perpetuado pela imprensa carioca. Ao examinarmos os principais periódicos da Capital Federal, foi possível compreender como a imprensa desempenhou um papel crucial na disseminação da notícia de sua morte e na subsequente exaltação de sua figura. Os relatos emotivos e dramatizados que inundaram as páginas dos jornais testemunharam não apenas o impacto da perda de Barbosa, mas também a influência da imprensa na construção da memória coletiva em torno de seu nome.

Nossa análise sugere que a imprensa não apenas serviu como veículo informativo, mas também desempenhou um papel ativo na moldagem da percepção pública sobre Rui Barbosa, consolidando-o como uma figura célebre da política brasileira. Portanto, destacamos a importância da imprensa como uma ferramenta essencial na estratégia de mobilização política e na preservação da memória histórica de figuras proeminentes. Ao compreendermos o seu poder na construção da narrativa pública, somos instigados a refletir sobre o seu papel na formação da identidade nacional e na preservação do legado político e cultural de *indivíduos-celebridade* como Rui Barbosa.

Referências

Fontes

Periódicos

A Noite

A Rua

Arealense

Correio da Manhã

Gazeta de Notícias

Jornal do Brasil

Jornal do Commercio

O Jornal

O Imparcial

O Paiz

O Social

Bibliografia

ABREU, Regina. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico – dilemas da subjetividade contemporânea*. trad. Paloma Vidal, Rio de Janeiro: EQUERI, 2010.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa. Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

DA SILVA, Márcia Pereira; FRANCO, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, v. 4, n. 8, 2010.

DE OLIVEIRA, Rodrigo Santos. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930). *Historia*, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 125–142, 2012.

DUARTE, F., RIPPER, B., DAMASCENO, C., RAYMUNDO, J., CARVALHO, L., & LEAL, T. Celebrização da Política: A Cultura da Celebridade Americana e seus Jogos de Poder no Cenário Contemporâneo. In: *XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo, 2016.

GONÇALVES, João Felipe. *Rui Barbosa: pondo as ideias no lugar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

GONÇALVES, João Felipe. Enterrando Rui Barbosa: um estudo de caso da construção fúnebre de heróis nacionais na Primeira República. *Estudos Históricos*, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, v. 14, n. 25, p. 135- 161, 2000.

HELAL, Ronaldo. Cultura e idolatria: ilusão, consumo e fantasia. *Cultura e imaginário*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

KAMRADT, João. *Celebridades políticas e políticos celebridades: uma análise teórica do fenômeno*. BIB, São Paulo, n. 88, 2019, pp. 1-22.

LILTI, Antoine. *A invenção da celebridade (1750-1850)*. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

LUSTOSA, Isabel [et. al]. *Estudos Históricos sobre Rui Barbosa*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2000.

MARCELINO, Douglas Attila. *O corpo da Nova República: funerais presidenciais, representação histórica e imaginário político*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. Rui Barbosa no Diário de notícias (1889): A imprensa como fonte de pesquisa. *29ª Reunião Anual da ANPED*, v. 1, p. 1-15, 2006.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico. o sensacionalismo da morte em cena. *Tempo social*, v. 12, p. 201-218, 2000.

SIMÕES, Paula Guimarães; FRANÇA, Vera Regina Veiga. Celebridades, acontecimentos e valores na sociedade contemporânea. *E-Compós*. Vol. 23. 2020.

“Todo o Brasil chora seu glorioso filho”!...

VALENTE, Filipe Martins. *Celebridade Política: análise da imagem e do discurso de Pedro Passos Coelho e de José Sócrates nas legislativas de 2011*. Dissertação de Mestrado (Jornalismo). Universidade da Beira Interior, Corvilhã, 2012.

Recebido em: 20/06/2024

Aceito em: 23/03/2025